

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**Os conceitos fundamentais de Antero de Quental sobre a decadência
ibérica no período moderno**

André Nunes de Azevedo

A questão da decadência foi a questão fundamental que acompanhou a trajetória da nação lusitana durante o transcurso do período moderno. Desde 1580, data de sua assimilação pela Coroa espanhola, até a sua vinculação à União Européia, em fins do século XX, Portugal percebeu-se em decadência e pôs-se a refletir sobre tal fato. Contudo, a sensação de decadência que acompanhava a nação lusitana, ante o avanço da modernização de outros países europeus, ganharia uma nova projeção com o fenômeno da "aceleração da modernidade" durante o século XIX. A modernização política fora disseminada pela revolução francesa, iniciadora de um movimento de liberalização das nações européias e com os embates de classes crescentes no Velho continente; a filosofia ganhara novo impulso com a afirmação tanto do iluminismo como do romantismo; a ciência e a tecnologia desenvolviam-se com rapidez inaudita, traduzindo-se na rápida expansão da malha ferroviária, nas inovações das máquinas, inventos e das conquistas no campo das ciências naturais e, por fim, a economia capitalista avançava com a consolidação de um mundo cada vez mais urbano e fabril. Tais fenômenos ampliavam o distanciamento de um país que insistia em sua tradição católica e fidalga diante de uma Europa moderna e decidida quanto aos rumos que desejava assumir. Nunca o contraste entre a modernidade e a tradição ibérica fora tão contundente para Portugal quanto na segunda metade do século XIX.

Uma palestra proferida por Antero de Quental, em 1868, com o título de "Causa da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos" consiste em uma tentativa de compreensão das razões da decadência de Portugal e Espanha sob uma perspectiva histórica. Nela, Quental defende que após uma época de grande destaque das nações ibéricas no cenário europeu, Portugal ingressaria em três séculos de profunda decadência, a saber, os séculos XVII, XVIII e XIX. A conferência consiste basicamente em apresentar o fulgor ibérico na antigüidade e no medievo, para, posteriormente, identificar o que considera as três causas da decadência dos povos ibéricos e discutí-las. No final do trabalho, o autor aponta o

que julga que estaria reservado ao futuro de Portugal, sendo isto sua possibilidade de ingressar na Europa moderna.

A conferência, tornada ensaio, começa com o autor afirmando, antes de analisar a grandeza e o declínio da Península Ibérica, que a decadência de Portugal é o único grande fato incontestável do historiador que se presta a compreender a história do país. Logo em seguida, dá nota de seu historicismo de maneira irônica, afirmando que antes de qualquer tentativa de regeneração, Portugal deve reconhecer a decadência que marcou o seu passado nos últimos três séculos.

Antero de Quental lista três pares opostos entre a Europa e a Península Ibérica. Eles conferem a consciência da gravidade e a tensão própria do contraste entre modernidade e tradição na Portugal de 1870. Esses três pares seriam: a) a existência da contra-reforma em Portugal e o desenvolvimento da liberdade de pensamento, ciência e alta cultura na Europa, b) o absolutismo luso e as liberdades políticas existentes no Velho continente e c) uma economia viciada nas mercadorias das colônias em contraste com uma economia capitalista industrial pujante presente na Europa.

O conceito de decadência ocupa um papel fundamental nesta obra de Antero de Quental. Faz-se presente no próprio título da conferência e é tido como o principal objeto de sua reflexão. Para um intelectual como Quental, líder dos escritores ascendentes da Geração de 70, a escolha das palavras-chave com as quais operará as suas idéias não é resultado do mero acaso. A palavra, em princípio mero significante, é continente de uma gama de significados e o conceito que denota, é decisivo para a articulação das idéias fundamentais que sustentam a hipótese do intelectual sobre uma dada questão.

Muito embora a busca da compreensão de um conceito histórico deva estar para além de uma história da língua, pois não deve perder de vista a história social, o uso da mesma não pode ser prescindido, pois joga um papel fundamental como índice do conceito, este mais amplo, mais rico em seus significados.¹ Assim, faz-se fundamental perceber o conceito de decadência através do estudo lexicográfico do mesmo, que conferirá dimensões relevantes de significação.

¹ Reinhart Koselleck. *Le Futur Passé: Contribution à la Sémantique des Temps Historiques*, Op. cit. p. 110.

O mais conceituado dicionário da época em Portugal, o lexicógrafo de Antônio Moraes da Silva, de 1877, assim exprime o verbete decadência:

"Decadência - s.f. (do francês decadence) Descaimento de força, vigor, poder; e fig. Decadência do Império, do valimento, dos validos, da agricultura, das artes, das ciências, do comércio: decadência do pulso; no que vai enfraquecendo etc (decadência, declinação. Syn.). Decadência é o começo de ruína, de destruição, o estado de uma coisa que caminha para a sua ruína: declinação é o estado de uma coisa que se enfraquece, que vai em diminuição, que tende para o seu fim.. Assim dizemos a decadência dos bens, dos Impérios; a declinação do dia, da idade. (decadência, ruína. Syn.).Diferem estes dois vocábulos, em que o primeiro prepara o segundo que ordinariamente é o efeito do primeiro, v.g. a decadência do Império Romano anunciava a sua total ruína: diz-se das artes, que elas caem em decadência; e de uma casa, que ela cai em ruína".²

Dentre as significações menos imediatas presentes no texto e que denotam a idéia de decadência na língua portuguesa, pode-se destacar a concepção da decadência não como a ruína, mas como "o estado de uma coisa que caminha para a sua ruína". A decadência seria tão somente o início da ruína, mas ainda não ela mesma. Mais adiante, o dicionarista esclarece este aspecto fundamental do termo quando compara a sinonímia imperfeita que marca a relação das palavras decadência e ruína: "Diferem estes dois vocábulos, em que o primeiro prepara o segundo que ordinariamente é o efeito do primeiro". Desta feita, o conceito de decadência revela uma imperfectibilidade na essência mesma de sua ação, na direção que cumpre a mesma, ação de queda, de ruína. O conceito de decadência porta um telos, que poderá vir, ou não, a cumprir-se, mas que, contudo, estará sempre inacabado em seu porvir.

Assim, tem-se revelado o caráter estratégico da seleção deste conceito por Antero de Quental, um intelectual que não acredita na ruína, na condenação histórica da Ibéria por força de sua crença teleonômica no vir a ser de um socialismo utópico em Portugal. Desta forma, o conceito de decadência é precisamente adequado aos propósitos políticos do líder da Geração de 70, pois revela o diagnóstico de um descaimento de vigor que não obstante a sua força, não compromete as possibilidades de uma regeneração futura da nação lusitana.

Após a publicação do Dicionário de Caldas Aulete, surge uma nova edição do dicionário Moraes, a 8a., de 1890³, na qual apenas uma discreta menção aos poetas da decadência romana aparece destoando do texto do verbete da 7a. edição. Posteriormente, em

² Antônio Moraes Silva. Diccionario da lingua portugueza (A - E). 7ª edição. Lisboa: Empreza litteraria Fluminense, 1877. Verbetes Decadência.

³ Antônio Moraes Silva. Diccionario da lingua portugueza. Vol. I (A-E). Lisboa: Editora-Empreza litteraria fluminense, 1890.

1899, o dicionário de sinônimos de Henrique Brunswick é editado. Nele, os sinônimos decadência/decaimento assim aparecem notados:

"Decadência. Decaimento - Querem os dicionaristas que estes vocábulos sejam sinônimos perfeitos, o que logo se nota não ser exato, posto que se a cada passo lemos e dizemos: a decadência de Portugal, a decadência das letras, a decadência dos costumes, e também o decaimento de Portugal, o decaimento das letras, o decaimento dos costumes, distinguimos entre estas expressões sentidos claramente diferentes. Com o vocábulo decadência consideramos que Portugal, as letras, os costumes, vão caindo, vão cada vez a menos, tendem a arruinar-se ou a corromper-se; ao passo que com decaimento consideramos o estado de ruína a que chegaram Portugal, as letras, os costumes. Mil vezes dizemos o decaimento das forças, nunca porém ouvimos dizer a decadência das forças daquele doente; o mesmo se nota ao dizer que fulano está em decadência, nunca podendo dizer-se - pelo menos com relação a sua fortuna - que ele está em decaimento.

Há pois sinonímia entre decadência e decaimento, mas essa sinonímia está longe de ser perfeita.

Decadência é o estado do que vai cair, do que tende a arruinar-se. Esta palavra indica principalmente o princípio, a iniciação deste movimento, e só se diz das nações, das sociedades, das coisas moraes, daquelas que se tem grande apreço e das pessoas.

Decaimento diz-se do que se considera já em estado muito avançado de ruína, e cuja a ruína completa não se fará esperar muito tempo. Diz-se do que é físico e do moral".⁴

A idéia de regeneração era estratégica no desenvolvimento das idéias de Antero de Quental, o conceito de regeneração é revelador quanto aos propósitos políticos deste intelectual português, empenhado em redimir Portugal de sua história .

A palavra regeneração, originada do latim "regeneratio", figura em dicionário desde o primeiro lexicógrafo da língua portuguesa, com Raphael Bluteau, em 1721. Na época abrangente do texto de Quental, ela aparece na 7a. edição do dicionário Moraes. Posteriormente, esta idéia ganha um novo contorno com o surgimento do dicionário de Caldas Aulete que, em 1881, nota assim a palavra regeneração, vejamos:

"Regeneração- s.f. A reparação ou renovação de uma parte destruída ou arruinada. Reprodução; restauração; suprimento, substituição: a regeneração de certos humores. Revivificação. Reforma, renovamento moral, reabilitação: Era ainda uma verdade, que um simples homem não podia encarregar-se da regeneração moral do universo. (Mont' Alverne). A regeneração dos costumes. Renascimento, nova vida dada pelo batismo e pela penitência. Partido político monárquico e conservador de Portugal que sucedeu ao partido cartista em 1851. F. do latim regeneratio".⁵

Este texto de Aulete apresenta-se mais rico em significações. Primeiro, remete a idéia de sanar algo que fora arruinado, destruído. Isto é reforçado pela idéia de revivificação.

⁴ Henrique Brunswick. Dicionario de synonymos da lingua portugueza. Lisboa: Editora de Francisco Pastor. 1899. Verbete Decadência/Decaimento.

⁵ Caldas Aulete. Diccionario contemporâneo da língua portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. Verbete Regeneração.

Fazer reviver o que um dia existiu e que então encontrava-se destruído. Posteriormente, após abordar alguns exemplos, o autor lança mão da palavra *reabilitação*, o que indica que o que desejava-se resgatar não havia fenecido, mas apenas se prejudicado, necessitando, portanto, de recuperação diante de seus problemas. Assim, neste sentido, aquele que regenera, o faz diante de algo que não se extinguiu, que de alguma forma ainda existe e que, por isso, ainda pode ter seus caracteres originais resgatados. Já no primeiro sentido abordado, o de revivificar, teríamos mesmo a possibilidade de fazer reviver algo que, embora houvesse existido um dia, havia, de alguma maneira, extinguido-se.

Com efeito, em Caldas Aulete, a idéia de regeneração divide-se entre o resgate daquilo que não se esvaira de todo, sendo apenas comprometido em parte - *reabilitação* em Aulete e *restauração* em Moraes - e o de fazer reviver algo - *revivificação* em Aulete e *renascimento* em Moraes. A idéia de regeneração utilizada por Antero de Quental para o propósito da análise da trajetória histórica de Portugal é contemplada no segundo sentido atribuído a *regeneração* pelos dicionaristas - *revivificação/ renascimento* -, pois trata-se aí de fazer reviver, renascer algo que foi abandonado pelas opções históricas feitas pela nação lusitana. No entanto, tal abandono não supõe a morte fenomenológica daquilo que foi abandonado. A existência do ser-aí, da presença de uma tradição, é um fato em qualquer sociedade, e adquire um sentido mais amplo na forma de compreensão do tempo histórico na Portugal do século XIX.